

A Grande Guerra: a Primeira Guerra Mundial (1914-2014), Evento e Memória

The Great War: the First World War (1914-2014), Event and Memory

Riccardo Burigana¹

direttore@centroecumenismo.it

Resumo: A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) marcou profundamente a história do século XX, não só pelos trágicos eventos que envolveram milhões de pessoas – determinando o fim de impérios seculares e o nascimento de novas realidades estatais –, mas também, e sobretudo, pela memória destes eventos, que deixaram abertas questões políticas, econômicas e culturais, das quais nasceram outras guerras ao longo do século. Neste artigo, o autor revisita, de maneira breve, os acontecimentos da Primeira Guerra Mundial, oferecendo uma periodização por meio da qual destaca o caráter global e as articulações da Grande Guerra, especialmente à luz dos tantos sujeitos que foram envolvidos após a estação inicial (verão-outono 1914), na qual muitos foram levados a cultivar a ilusão de uma guerra curta e vitoriosa. Esta ilusão foi substituída por novos projetos para a conclusão da guerra, enquanto em muitos lugares, assistimos a criação de longas linhas de trincheiras, que pareciam imóveis, causando grande frustração nos combatentes. Tanto para os participantes, quanto para os locais de confrontos, a Grande Guerra foi realmente “mundial”, mesmo que tenha sido a Europa a ter a maior quantidade de mortes e devastação, como foi posto em evidência quando da reconstrução de momentos-chave da guerra: desde o avanço alemão ao ocidente (1914), passando pelas movimentações ao front russo (1914-1916), a sangrenta batalha de Verdun (1916), a Revolução Russa (1917) até o colapso das Potências Centrais (1918). O artigo é concluído com uma breve exposição bibliográfica, onde são indicadas as publicações mais recentes – muitas dos quais editadas por ocasião do centenário do início da guerra (1914-2014) –, bem como uma série de estudos, considerados cruciais para o conhecimento histórico da Primeira Guerra Mundial.

Palavras-chave: Primeira Guerra Mundial, evento, memória

¹ Doutor em Ciências Históricas pela Universidade de San Marino. Professor visitante regular do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco. Desenvolve, na UNICAP, com o Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques, o projeto: *Ecumenismo e diálogo inter-religioso na história das sociedades da época contemporânea*.

Abstract:

The First World War (1914-1918) left a significant mark on the twentieth century's history, not only by the tragic events that involved millions of people - meaning the end of secular empires and the birth of new state realities - but also, and above all, by the memory of these events, which left open issues of political, economic and cultural importance; issues that have begotten other wars throughout the century. In this article, the author revisits, briefly, the events of the First World War, offering a timeline by which he highlights the global nature of the Great War and its joints, especially in light of the numerous individuals who were involved after the initial season (summer-Fall 1914), during which many were brought to cultivate the illusion of a short, victorious war. This illusion was replaced by new projects aiming the war's conclusion; but in the same time as these projects, in many places, people witnessed the creation of long lines of trenches, which seemed immovable, and for that, caused great frustration for fighters. Both for the participants and for the locations of clashes, the Great War was actually seen as "worldwide", even if Europe was to have the largest number of deaths and devastation, as was made evident when was made a reconstruction of the war's key moments: from the German advance in the west (1914), through the movements to the Russian front (1914-1916), the bloody battle of Verdun (1916), the Russian Revolution (1917), until the collapse of the Central Powers (1918). The article is concluded by a brief bibliographic exhibition, which details the most recent publications - many of them published for the centenary of the War's beginning (1914-2014) - as well as a number of studies, considered crucial to the historical knowledge of the First World War.

Keywords: *World War I, event, memoir*

Introdução²

O infame atentado de Sarajevo gerou e gerará por muito tempo um “eco” de horror em toda a sociedade civil, sobre a qual a horrível tragédia jogou um grosso véu de luto (L’Osservatore Romano, 1 de julho de 1914, p. 1).

Em 28 de junho de 1914, na cidade de Sarajevo, o arquiduque Francisco Ferdinando de Asburgo (1863-1914), herdeiro do trono do Império Austro-Húngaro, e sua esposa Sofia, foram assassinados por Gavrilo Princip (1894-1918), bósnio de nascença, porém de sangue sérvio, que havia ido a Sarajevo especialmente para matar o arquiduque, com outros cinco companheiros, todos armados pela organização secreta nacionalista sérvia Crna Ruka (Mão Negra). Francisco Ferdinando estava fazendo uma visita oficial a Sarajevo, capital da Bósnia-Herzegovina, que havia se tornado, para todos os efeitos, parte do império austro-húngaro em 1908, por meio de uma decisão unilateral de Viena, a quem a região havia sido confiada,

² Este artigo é fruto de uma conferência realizada em 17 de março de 2014, em Recife, para estudantes de História da Universidade Católica de Pernambuco. Este texto, com algumas modificações, foi também apresentado em uma segunda conferência, em 20 de março de 2014, na Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, em Caruaru. No apêndice são propostos, em uma nota bibliográfica, alguns textos, publicados em 2014, para um estudo mais aprofundado sobre os aspectos da Primeira Guerra Mundial. Agradeço ao Professor Luiz Carlos Luz Marques, pelo convite para discutir um tema tão importante para a história do século XX, bem como pelas observações sobre meu texto. A tradução integral do italiano para o português foi feita por Beatriz Sousa Ribeiro Luso Calado, aluna do Curso de Direito, da Universidade Católica de Pernambuco. A revisão, pelo Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques, do Curso de Licenciatura em História e do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco.

temporariamente, em 1878: esta decisão aumentara o ressentimento sérvio, uma vez que o país reivindicava a Bósnia-Herzegovina para realização de um projeto de criação de um estado que reunisse todos os “eslavos do sul”, projeto esse abençoado pela Igreja Ortodoxa Sérvia e apoiado pelo Império Czarista.

O assassinato do arquiduque e sua esposa se tornou a faísca que inflamaria a pólvora acumulada por décadas, apesar das tentativas de formar alianças de maneira a dissuadir o sentimento de vingança latente em muitos países. Na verdade, esse sistema de alianças e contra-alianças criou um mundo destinado a explodir, como havia ficado claro nos anos que antecederam o ataque em Sarajevo, por ocasião de crises internacionais que já haviam levado o mundo à beira de guerras. Exatamente por esta situação política – que resultou também de dinâmicas econômicas – houve um rearmamento generalizado, que não havia tido precedentes na história, e que era resultado também do desenvolvimento industrial que havia gerado novos instrumentos de guerra, de maior poder destrutivo. Além de armas novas e mais poderosas em terra, no mar e sob o mar, fez a sua aparição a Força Aérea, que iria se tornar uma das protagonistas da Primeira Guerra Mundial.

1914, o início: a formação da Tríplice Aliança e da Tríplice Entende

Após o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando – que foi percebido como o começo do fim, apesar da demonstração de tranquilidade de muitos ao rejeitar a hipótese de uma guerra generalizada – , o Império Austro-Húngaro enviou um ultimato à Sérvia: o Imperador Francisco José I (1830-1916), que governava desde 1848, se deixou convencer de que esta era a única maneira de disciplinar, de uma vez por todas, o nacionalismo sérvio. O

imperador alemão, Guilherme II (1859-1941) lhe assegurava o seu apoio, no caso em que o Czar, Nicolau II (1868-1918), apoiasse militarmente o Reino da Sérvia, o que aconteceu precisamente em nome da origem eslava e da fé ortodoxa comuns. Antes mesmo de ver rejeitado o ultimato, os exércitos de metade da Europa se “mobilizaram” e a situação começou a deslizar em um plano inclinado que levaria à guerra: em 28 de julho de 1914, o Império Austro-Húngaro, apoiado pelo Império Alemão, declarou guerra à Sérvia, que era apoiada pelo Império Russo, que era aliado da França, que por sua vez, era aliada da Grã-Bretanha. Formaram-se assim, as duas frentes da guerra: a frente das Potências Centrais (Tríplice Aliança) – a qual recebeu o apoio do Império Otomano – e sua rival, a frente das potências Aliadas (Tríplice Entente). Enquanto isso, a Itália mantinha distância da guerra, por estar ligada por um pacto de aliança às Potências Centrais. No entanto, ela era atraída pela perspectiva de entrar em guerra com o Império Austro-Húngaro, na tentativa de completar o processo de unificação que levou ao nascimento do Reino da Itália em 1861.

A declaração de guerra austro-húngara à Sérvia deu início à Primeira Guerra Mundial, um evento que mudou profundamente todo o mundo e não só a Europa, que foi o principal teatro de operações militares. A Grande Guerra – como era, e como, por vezes, ainda é chamada para distingui-la da outra Guerra Mundial, a Segunda (1939-1945), sua “filha” – causou o nascimento de um novo mundo, com o fim de seculares impérios, que haviam conseguido sobreviver à reformas e revoluções, o surgimento de novos estados e o aparecimento de novas potências ao nível global. A I Guerra Mundial trouxe consigo feridas materiais e espirituais, deixando um rastro impressionante de mortos e mutilados, e gerando milhões de refugiados, muitos dos quais foram forçados a deixar suas casas, uma vez que

havia se tornado, de repente, estrangeiros mal tolerados na sua terra natal.

A memória deste acontecimento é muito presente na Europa: em alguns países, como a Itália e a França, mais que em outros, como mostram os muitos monumentos “aos mortos” que podem ser encontrados em muitas praças de pequenas e grandes cidades. É uma memória ligada especialmente aos monumentos e nomes de lugares, como evidenciado por praças, vilas, e até cidades que levam os nomes das batalhas, dos armistícios e dos heróis da Primeira Guerra Mundial. É também uma memória que foi impulsionada pela construção de “mitos” sobre certas figuras, como Thomas Edward Lawrence (1888- 1935), Lawrence da Arábia, também conhecido por um extraordinário filme feito em 1962, estrelado por Peter O’Toole e vencedor de sete Oscars; e Manfred von Richthofen (1892-1918), o Barão Vermelho, ás da aviação alemã. Esta memória seletiva e orientada, parece limitar a Primeira Guerra Mundial a uma posição secundária na reconstrução do século XX, porém, não pode ser esquecido que a Grande Guerra foi um divisor de águas na história do século passado, uma vez que por sua causa, o mundo – o mundo todo, não apenas os países envolvidos diretamente na guerra – sofreu mudanças extremamente radicais em sua estrutura geopolítica e dinâmica econômica.

No período de poucas semanas – entre meados de julho e meados de agosto de 1914 – milhões de homens foram arrancados do seu dia a dia, para serem empurrados ao front, a fim de ganhar uma guerra que parecia necessária para corrigir as contas do passado e para garantir um futuro próspero. Em agosto, o som das armas sufocou qualquer proposta de diálogo no campo diplomático. Sobretudo, entre as Igrejas cristãs e no mundo socialista, levantaram-se vozes, mesmo que em perspectivas muito diferentes, condenando o recurso às armas: se tratavam de

vozes, que mesmo em minoria, não se cansariam de procurar maneiras de acabar com a guerra – “o inútil massacre”. Os apelos e os projetos do bispo luterano sueco Nathan Söderblom (1866-1931), que ganharia o Nobel da paz em 1930, não levaram à paz, assim como também não tiveram sucesso em seguida, as palavras e ações diplomáticas do Papa Bento XV (1854-1922) – que sucedera Pio X – em 04 de setembro de 1914, esses são exemplos de “vozes” no âmbito do cristianismo.

Nas primeiras semanas da guerra, entre os combatentes, do general ao último soldado, era difundida e enraizada a ideia de que a guerra seria rápida e bem sucedida, quando na realidade, a grande guerra durou quatro anos, gerando rancores e feridas que iriam explodir novamente em outra guerra, duas décadas depois. As primeiras operações militares levaram rapidamente ao fim da ilusão de uma guerra curta, de movimento e com um número limitado de mortos; no Ocidente, o avanço alemão não só não causou o colapso da França, mesmo que o governo tenha sido forçado a deixar Paris e transferir-se para Bordeaux, mas foi capaz de exaltar ainda mais os ânimos, uma vez que o plano de ataque alemão contra a França previa a ocupação do Reino da Bélgica, cuja neutralidade havia sido garantida pelo Tratado de Londres, assinado em 1839. Ao mesmo tempo, os ataques franceses para “libertar” a Alsácia - Lorena, que havia se tornado parte do Império Alemão após a derrota de Napoleão III na Guerra Franco-prussiana de 1870, causaram milhares de mortes, mas pouco progresso no campo de batalha.

Do Canal da Mancha até a Suíça, a situação se estabilizaria com a formação de um longo front (de centenas de quilômetros), dando origem à chamada guerra de posição ou de desgaste. Neste front, a “guerra de trincheiras” tornou-se a principal característica, apesar de tentativas de mudar este cenário de guerra com

planos que só trouxeram nova carnificina, sem alterar de maneira nenhuma o equilíbrio estabelecido na guerra. Vale ressaltar, que nas trincheiras não faltavam momentos de fraternidade entre os soldados, só recentemente conhecidos e estudados, como no caso do primeiro Natal na guerra. No front oriental, a guerra certamente foi mais “movimentada” desde o princípio: os russos lutaram contra os alemães e austro-húngaros com altos e baixos, tanto que houveram avanços e recuos de centenas de quilômetros nas primeiras semanas, antes da linha de fogo se cristalizar para, em seguida, mudar novamente. No front meridional, a Sérvia pareceu ser capaz de resistir à expedição punitiva do Império Austro-Húngaro – expedição essa que resultou em um fracasso, mesmo após um avanço ilusório.

Foi somente no segundo semestre de 1915 que a Sérvia foi dominada e os restos de seu exército foram evacuados, após uma desastrosa retirada para os portos albaneses, deixando para trás milhares de mortes, mesmo entre os civis, que tinham acompanhado o exército ao seu destino; o avanço das tropas austríacas e alemãs também determinou a ocupação de uma parte de Montenegro e da Albânia. O Oriente Médio, onde, na sequência, a guerra seria caracterizada por grande movimentação, terminou 1914 com aparente estabilidade.

1915-1917: a guerra de trincheiras

Nesta situação estática, dispendiosa e sangrenta, tanto para os homens do front, quanto para as pessoas na retaguarda, muitos pensaram em soluções para ganhar rapidamente a guerra – uma vez que parecia insustentável a condição em que se encontravam os soldados e civis. Por um lado, buscou-se ampliar o número de estados envolvidos na guerra: como exemplo disso, temos a entrada da Itália (24 de maio de 1915) ao lado dos aliados, que aceitaram suas exigências de

ampliação territorial às custas do Império Austro-Húngaro. A entrada de novos países, como a Bulgária (6 de Setembro de 1915), aliada às Potências Centrais, trouxe algumas mudanças no cenário militar, como o colapso da Sérvia; a ocupação da Romênia, algumas semanas após a sua entrada na guerra ao lado dos Aliados (27 de agosto de 1916), causou mais uma vez a ilusão de que a guerra terminaria em breve, pois permitiu que as Potências Centrais tivessem em suas mãos os recursos alimentares e econômicos, em grau de aliviar as consequências do cerco em que se encontravam. O ano de 1916 foi também o ano da entrada de Portugal na guerra: em 09 de março, o Império Alemão declarou guerra contra a ainda jovem República Portuguesa, em consequência à apreensão de 36 navios de carga alemães por parte de Portugal, que enviou um corpo expedicionário à França.

Por outro lado, tentou-se expandir o número de combatentes e abrir novas frentes, com operações militares condenadas ao fracasso desde a sua concepção, como no caso do desembarque de um contingente de tropas anglo-francês em Dardanelos (1915). Essas tropas provinham principalmente das colônias dos dois países e deveriam ter aberto uma nova frente no coração do Império Otomano, a poucas dezenas de quilômetros da capital Istambul, facilitando a situação das tropas a serviço no Oriente Médio e no front grego, mas, na realidade, a operação foi um fracasso, deixando milhares de mortos no campo.

Apesar destas tentativas de sair do beco sem saída no qual se encontravam os combatentes, a guerra continuava uma questão fundamentalmente Europeia, ou seja, basicamente do Cáucaso ao Canal Inglês, embora não devamos esquecer os outros campos de batalha: na Ásia, o Japão tomou o partido da Entente desde o começo, declarando guerra à Alemanha em 23 agosto de 1914, a fim de ajudar

a Grã-Bretanha na ocupação das colônias na China e no Oceano Pacífico, e também no controle da área. Os japoneses ajudaram ainda mais os britânicos quando estes quiseram deslocar suas frotas a outros lugares: desta forma o Japão poderia reforçar o seu papel como uma potência regional, sendo forte o suficiente para, inclusive, sentar-se entre os vencedores ao fim da guerra. A China, por outro lado, que entrou na guerra apenas em 14 de agosto de 1917 (também ao lado dos Aliados), não obteve vantagem alguma, nem mesmo as vantagens mínimas concedidas ao Sião (atual Tailândia), que declarou guerra à Áustria-Hungria e à Alemanha, em 22 de julho de 1917. Até na África se combateu: as colônias alemãs foram capazes de resistir às esmagadoras forças inimigas por alguns meses, tendo depois que desistir e deixar seus territórios para os ingleses; em apenas um caso, na África Oriental Alemã (território que incluía nações hoje conhecidas como Tanzânia, Burundi e Ruanda), as coisas correram de uma forma completamente diferente, visto que a rendição só se deu em 26 de novembro de 1918, após a conclusão da guerra na Europa.

Diante dos fracassos dos planos militares que não levavam à vitória, mas, ao contrário, tinham alto custo humano – como no caso da batalha de Verdun (1916) – se notava, em vários níveis, e com frequência crescente, muitos sinais do cansaço e da desilusão que havia dominado tanto os soldados da linha de frente, quanto os civis na retaguarda. Neste contexto – no qual não faltaram tumultos, motins, deserções e protestos – amadurecia a ideia de que algo deveria ser feito para acabar com a guerra; nesta temporada de negociações secretas, a Igreja Católica desempenhou um papel fundamental: o Papa Bento XV clamava pela paz, tentando de todas as formas e entrando em contato com todos os campos, alcançar um cessar-fogo, como primeiro passo para essa paz. Não foi um caminho fácil de se trilhar, mesmo o Papa encontrando um

“aliado” no Imperador Carlos de Habsburgo (1887-1922), – sucessor de Francisco José I, morto em 1916. O novo imperador perseguiu a paz não só por razões humanitárias, como o pontífice, mas na crença de que ela era a única chance de salvar o seu reino, muito embora este fosse destinado a ser profundamente repensado, considerando as tantas nacionalidades presentes ali, que exigiam mais espaço e mais direitos. Os acontecimentos de 1917 terminaram por varrer todas essas tentativas de se chegar a uma paz sem vencedores nem vencidos.

Em 1917, dois fatores causaram uma reviravolta decisiva na guerra: a Revolução Russa e a entrada dos Estados Unidos ao lado da Entente. Na Rússia, a situação militar estava comprometida, a economia estava à beira do colapso e a sociedade estava em plena ebulição: o Czar Nicolau II (1868-1918) continuava a comandar o exército em total isolamento do que era, na verdade, o cotidiano das grandes cidades russas, Moscou e São Petersburgo, onde havia agora um sentimento anti-Czarista generalizado, apoiado por muitos grupos, dentre os quais o Partido Bolchevique, cujo papel só se tornaria importante após a volta de Lênin. Mesmo no campo de batalha, em consequência dos reveses militares que causaram muitas derrotas e poucas vitórias (sendo essas vitórias, efêmeras), haviam tensões e estouravam revoltas, também alimentadas pela enxurrada de soldados que haviam abandonado o front em uma tentativa desesperada de voltar para casa sãos e salvos.

Diante de mais um desastre militar, causado pela óbvia incapacidade do exército para deter o avanço das Potências Centrais, foi proposta ao Czar e, subsequentemente aceita por ele, a questão de sua abdicação, uma vez que sua saída do trono era a única maneira viável para salvar a Rússia da invasão e da anarquia. Em poucas horas se passou da abdicação à proclamação da República, da qual Alexander

Kerensky (1881-1970) se tornou o homem forte: ele mesmo garantiu a continuação da guerra ao lado dos aliados e projetou um ataque em grande estilo contra as tropas dos Impérios Centrais. Tratou-se de uma batalha perdida desde o início, não só pela total desorganização do exército russo, mas também pela força da propaganda bolchevique, que reivindicava a paz o mais rápido possível, e por essa razão, convidava a todos para lutar por este objetivo de qualquer maneira, mesmo com a deserção. A propaganda bolchevique tornou-se ainda mais eficaz com o regresso de Lenin (1870-1924) à pátria, tendo esse retorno sido possibilitado pelos alemães, que tinham colocado à disposição do revolucionário russo e alguns de seus companheiros, um trem blindado, na crença de que uma vitória de Lenin significaria o fim da guerra no Oriente e a possibilidade de concentrar todas as suas forças no Ocidente, como um último esforço para irromper pelo front, ainda estático, e conseguir chegar em Paris.

Em 7 de novembro de 1917, os bolcheviques tomaram o poder, Lenin tornou-se chefe de governo e Lev Trotsky (1879-1940) foi encarregado de entrar em acordo com as Potências Centrais. A paz assinada em Bret-Litovsk, em 03 de março de 1918 continha condições humilhantes – especialmente pelas perdas territoriais para o governo russo – porém, mesmo com preocupação, foi aceita pelos bolcheviques, que lidavam com a guerra civil que ainda ensanguentaria a Rússia por anos. Além disso, Trotsky estava convencido de que a consolidação do Estado bolchevique levaria à exportação da revolução, e consequentemente, à superação das condições de paz, com o estabelecimento de regimes revolucionários por toda a Europa; contudo, a história seguiu um caminho bem diferente do previsto por Trotsky, e somente após a Segunda Guerra Mundial, metade da Europa se tingiu de vermelho. Na economia da Grande Guerra, a tomada de poder

por Lênin e a consequente saída de cena da Rússia, causou um rearranjo das forças em campo, com o reposicionamento de muitas tropas do Oriente ao Ocidente e ao front italiano, alimentando mais uma vez a ilusão de que as potências centrais seriam capazes de vencer. Entretanto, os insucessos, da Tríplice Aliança em sua tentativa de romper os fronts francês e italiano foram o prelúdio do fim, apesar de vitórias como a de Caporetto, que para os italianos, entrou na memória coletiva como sinônimo de derrota absoluta.

O ano de 1917, como dito, também foi marcado por um outro elemento: a entrada, em guerra, dos Estados Unidos, que em 2 de abril declarou guerra à Alemanha e em 7 de dezembro, à Áustria-Hungria. A decisão dos Estados Unidos poderia ser vista como uma consequência natural da guerra submarina conduzida pelos alemães, que havia tirado a vida de milhares de americanos; porém, na realidade, a decisão estava intimamente ligada à política econômica e diplomática que os americanos vinham conduzindo, e que não era mais compatível com a neutralidade. Os Estados Unidos tinham assumido um papel de potência, que sentiu o dever de exercer, ainda mais quando esse papel foi questionado dentro do espaço que haviam considerado vital ao longo de décadas: a América. A esta lógica, a do resto da América como seu “quintal”, reagem os alemães ao apoiar as reivindicações do México sobre a devolução de parte do Texas. Muito tem sido escrito sobre a importância militar da entrada dos Estados Unidos na guerra, uma vez que isso mudou, de forma inequívoca e definitiva, o eixo das forças para o lado dos Aliados; contudo, talvez não tenha sido dada a devida atenção para as consequências diplomáticas que o gesto dos Estados Unidos teve em todo o continente americano. No período de alguns meses, entraram na guerra ao lado dos aliados: Panamá; Cuba; Brasil (26 de agosto, 1917); Guatemala;

Nicarágua e Costa Rica; Haiti e Honduras, além da africana Libéria, que era vinculada aos Estados Unidos por meio de uma relação estreita, desde a sua fundação.

1918-1919: o debacle da Tríplice Aliança, as negociações e paz e seus frutos “envenenados”

Nos meses de junho e julho de 1918, foram percebidas perigosas “rachaduras” em vários pontos do front, a partir do Marne, passando pelo Piave, até o Oriente Médio: as frentes começavam a “se desfazer”. A situação foi se tornando cada vez mais grave, inutilizando os planos de batalha para a ofensiva alemã no primeiro semestre de 1919: em 10 de novembro de 1918 o imperador Guilherme I deixou seu quartel-general para refugiar-se na Holanda, em razão do colapso da situação militar, da propagação de revoltas em cidades alemãs e motins no exército e na marinha. No mesmo dia, com a assinatura do armistício pela Alemanha, tinha terminado a Primeira Guerra Mundial.

Seguiram-se longas negociações, nas quais o presidente dos Estados Unidos Woodrow Wilson (1856-1924) tentou impor sua ideia do princípio da nacionalidade na concepção da nova estrutura da Europa e do mundo: desapareceram quatro grandes impérios (Alemão, Austro-Húngaro, Russo e Otomano); foram redefinidos os limites dos vencedores e perdedores, com um espírito de “vingança” presente – como no caso de devolução da Alsácia-Lorena à França; surgiram novos estados, alguns esperados há séculos – como a Polónia –, outros completamente inesperados – como a Tchecoslováquia –, e ainda outros filhos de compromissos entre os vencedores – como o Reino da Sérvia, a Croácia e a Eslovênia; e as colônias alemãs foram divididas entre a França e a Grã-Bretanha. Outra mudança proveniente da guerra foi a criação da Liga das Nações, com o

objetivo de se ter um organismo internacional capaz de encontrar uma solução diplomática para quaisquer novos conflitos.

O princípio da nacionalidade, tão defendido por Wilson, foi usado com critérios diversos, criando, em não poucos casos, um ressentimento que explodiria poucos anos mais tarde: sobre esse ponto de vista é exemplar o caso da Itália, que reivindicava o que lhe havia sido prometido pelos Aliados em ocasião da sua entrada na guerra, embora estivesse claro que estas reivindicações territoriais quase nunca estavam de acordo com o princípio da nacionalidade; além disso, a Itália pediu uma mudança nos acordos, requisitando outras áreas – como a cidade de Fiume (hoje Rijeka), que havia sido posta em liberdade pela desintegração da Áustria-Hungria – que se enquadrariam exatamente no princípio da nacionalidade, que, porém, não foi aplicado pelos vencedores pois seria desvantajoso para o novo reino, que reuniu sérvios, Croatas e eslovenos. Os italianos tentaram todas as formas de protesto e de pressão, como, por exemplo, o abandono da sessão de trabalho (o que resultou na perda dos direitos sobre as colônias alemãs e os espólios do Império Otomano), mas no final tiveram que firmar compromisso sobre alguns pontos e aceitar o adiamento de uma decisão sobre outros pontos de suas reivindicações. Desta situação, nasce na Itália, o mito da “vitória mutilada”, que tanto alimentou um ressentimento em relação aos Aliados e, de modo mais geral, em relação às democracias ocidentais, favorecendo o crescimento do fascismo – regime que soube incentivar o sentimento de vingança de muitos sobreviventes decididos a acabar com a velha política incapaz de defender o que tinham conseguido no campo de batalha.

Mesmo que não tão intensamente como os italianos, a França também expressou profunda decepção com a paz procurada pelo

presidente Wilson; o governo francês não tinha conseguido tudo que a opinião pública esperava, mas pelo menos, foi capaz de impor a ideia de que os perdedores foram os responsáveis morais e materiais pela guerra, e que, portanto, eles deveriam pagar a conta. Foram, assim, impostas à Alemanha as “reparações de guerra”, reparações essas de valores tão altos que o seu pagamento sufocou a economia alemã, devastando-a em uma espiral sem fim, além de humilhar o sentimento nacional.

Reflexões Conclusivas

Portanto, da Grande Guerra saiu um mundo diferente, marcado por ressentimentos, tensões, violência e injustiça, não só entre vencedores e perdedores, mas também entre os próprios vencedores: das cinzas da guerra surgiu uma situação de instabilidade profunda, que em breve explodiria em novos conflitos, que sujariam de sangue não só a Europa, mas o mundo inteiro. Alguns anos depois, outra guerra seria causada por muitos gestos que haviam sido subestimados, pois muitos tiveram a esperança de que ninguém iria mais uma vez desencadear uma guerra, enquanto ainda estavam abertas as feridas da Grande Guerra. Por exemplo, em 1 de setembro de 1939, as tropas nazistas atacaram a Polónia, uma vez que esta não havia aceitado suas demandas pela cidade de Gdansk, que era, precisamente, um dos muitos problemas não resolvidos nas negociações de paz que se seguiram ao fim da Primeira Guerra Mundial. Começava assim, a Segunda Guerra Mundial, que transformaria a Grande Guerra na Primeira Guerra Mundial, mas isso já é outra história.

A 100 anos de distância, na avaliação desse terrível momento da história da humanidade, é preciso não esquecer que todos, ou quase todos, os que viviam na Europa se deixaram envolver pelas lógicas fatais que levaram ao conflito. Sirvam de exemplo as

palavras de Angelo Giuseppe Roncalli, o futuro João XXIII, o papa que durante seu breve pontificado pregou o diálogo e a paz com gestos e palavras, entre os quais deve ser lembrada a encíclica *Pacem in Terris*, assinada por ele, a poucas semanas de sua morte, tanto que é considerada por muitos seu testamento espiritual. O então jovem sacerdote de Bérgamo, chamado, como tantos outros jovens italianos, à guerra – no seu caso, para trabalhar como enfermeiro – escreveu em uma de suas agendas:

Ontem, foi assinado o armistício entre a Itália ea Áustria-Hungria, e hoje, às 13h, esse armistício foi posto em execução. Àquela hora, eu me encontrava na igreja, no Abrigo, com um grande número de ex-prisioneiros e, juntos, santificamos a preciosahora na qual se passou da longa guerra ao cessardas hostilidades, santificamos pela oração de graças ao Senhor, que realmente, teve tanta misericórdia do seu povo. A vitória do nosso exército teve, verdadeiramente, algo de grandiosa. Nós não nos vangloriaremos, pois somos todos pecadores, mascantaremos um hino de glória ao Senhor: Cantemus Domino gloriose enim magnificatus est [Ex. 15.1]³.

A partir dessas palavras, se capta bem como a Primeira Guerra Mundial deixou – também para a Itália – mais perguntas em aberto que resolvidas, como sempre acontece quando se pega em armas em vez de procurar o caminho do diálogo, ouvindo o outro. Exatamente por isso, saber o que foi e o que levou à Primeira Guerra Mundial, no centenário do início desse “massacre inútil” não significa simplesmente celebrar um aniversário, mas aprender com a memória histórica como construir uma cultura de paz, em todos os lugares e para sempre.

³ANGELO GIUSEPPE RONCALLI, 4 de novembro de 1918, in *ANGELO GIUSEPPE RONCALLI – GIOVANNI XXIII, Nelle mani di Dio a servizio dell'uomo. I diari di don Roncalli 1905-1925*, por L. Butturini, Bologna, Istituto per le Scienze Religiose di Bologna, 2008, p. 375.

Nota Bibliográfica

Por ocasião do centenário do início da Primeira Guerra Mundial (1914-2014) foram promovidas convenções; programas de rádio e televisão; exposições; e também foram publicados estudos, alguns dos quais são particularmente interessantes para a obtenção de novas perspectivas na compreensão do que foi a Grande Guerra aos olhos e mentes dos contemporâneos, e do que ela significou para a história do século XX. Abaixo estão listados alguns títulos, incluindo os publicados, republicados ou traduzidos em 2014. Esta é uma bibliografia apenas para orientação, que não tem a pretensão de ser completa, e em uma visão muito ampla, está em constante crescimento. Para ter essa visão ampla sobre a I guerra Mundial e saber muito mais sobre os estudos e iniciativas para o seu conhecimento, recomendo o site da *International Society for First World War Studies* (<<http://www.firstworldwarstudies.org/>>, acesso em fevereiro 2014).

Introduzo os títulos de 2014, que estão listados abaixo, com apenas dois volumes publicados nos anos anteriores: GILBERT, M. **La Grande Storia della prima Guerra mondiale**. Milano: Mondadori, 1994 e MACMILLAN, M. **Peacemakers**. Six months that changed the world. London: John Murray, 2001. O primeiro volume, que teve inúmeras edições e foi traduzido em italiano, polonês, espanhol e alemão, é, em minha opinião, uma síntese ainda muito atual e eficaz sobre os acontecimentos históricos da Primeira Guerra Mundial. O segundo, fornece uma reconstrução precisa e cativante das negociações que levaram ao nascimento de uma nova ordem na Europa, e

em algumas partes do mundo, no final da Primeira Guerra Mundial, trazendo à luz particularmente as perguntas deixadas em aberto, não só pela guerra, mas também pelos tratados de paz que se seguiram.

Sobre os acontecimentos da Primeira Guerra Mundial, publicados em português, destaque: H.P. WILLMOTT, **Primeira Guerra Mundial**, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2014; sobre suas causas: CLARK, CH. **Os Sonâmbulos: Como eclodiu a Primeira Guerra Mundial**, São Paulo, Companhia das Letras, 2014 (traduzido do inglês). Para a indicação comentada de outros livros publicados em português, recomendo a leitura do texto de Euler de França Belém, no site “Jornal Opção”, edição 2003, de 24 a 30 de novembro de 2013 (<<http://www.jornalopcao.com.br/colunas/impressao/melhores-livros-sobre-a-primeira-guerra-mundial-em-portugues.-e-um-em-ingles>>, acesso em fevereiro de 2014).

Em outras línguas, em apresentações resumida: LOEZ, A. **La Grande Guerre**. Paris: La Découverte, 2014; STOREY, W.K. **The First World War**. A concise global history. Lanham (Md): Rowman & Littlefield, 2014.

Obras mais amplas, em outras línguas: AUDOIN-ROUZEAU, S.; BEKER, J.J. e GIBELLI, A. **La prima guerra mondiale**. 2 vol. Torino: Einaudi, 2014; BLASCO IBÁÑEZ, V. **Crónica de la Guerra Europea, 1914-1918**. Una historia em la trinchera de la Primera Guerra Mundial. Madrid: La Esfera de los Libros, 2014; FERRO, M. **La Gran Guerra 1914-1918**. Madrid: Alianza Editorial, 2014 (tradução do francês); LAWRENCE, L. **Prima guerra mondiale**. La rivoluzione globale. Torino: Einaudi, 2014 (tradução do inglês); LOZANO, Á. **La Gran Guerra (1914-1918)**. Madrid: Marcial Pons, 2014; MORROW, J.H. **La Gran Guerra**. Barcelona: Edhasa, 2014 (tradução do

inglês); TUCHMAN, B.W. **The guns of August**. The classic best selling account of the outbreak of the First World War. London: Penguin Books, 2014; VEIGA, F.; MARTÍN, P. **Las guerras de la Gran Guerra 1914-1923**. Madrid: Los Libros de la Catarata, 2014;

Sobre os aspectos puramente militares da Grande Guerra: HART, P. **La Gran Guerra (1914-1918)**. Historia militar de la Primera Guerra Mundial. Barcelona: Editorial Crítica, 2014; JANKOWSKI, P. **Verdun**. The Longest Battle of the Great War. Oxford: Oxford University Press, 2014; PEARSON, B.; HERRIS, J. **Aviones de la I Guerra Mundial 1914-1918**. Madrid: Editorial Libsa, 2014; SONDHAUS, L. **The Great War at sea a naval history of the First World War**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

Sobre o significado da Primeira Guerra Mundial: LÓPEZ VEGA, A. **1914: el año que cambió la historia**. Madrid: Editorial Taurus, 2014.

Para o legado de guerras e tensões da Grande Guerra: PUPO, R. (Org.). **La vittoria senza pace**. Le occupazioni militari italiane alla fine della Grande Guerra. Roma/Bari: Laterza, 2014.

Sobre o culto e o afastamento da memória da guerra: WINTER, J. **Sites of memory, sites of mourning**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

Para uma reconstrução biográfica da figura de Gavrilo Princip: BUTCHER, T. **The trigger**. Hunting the assassin who brought the World to war. London: Chatto&Windus, 2014.

Para um estudo mais recente sobre o papel do presidente dos Estados Unidos, Woodrow Wilson: STRINER, R. **Woodrow Wilson and World War I**. A Burden too great

to Bear. Lanham (Md): Rowman & Littlefield, 2014.

Sobre as consequências para o Império Austro-Húngaro e seu esfacelamento após a guerra: WAWRO, G. **A mad catastrophe**. The outbreak of World War I and the collapse of the Habsburg Empire. New York: Basic Books, 2014.

Sobre o Império Alemão: CHICKERING, R. **Imperial Germany and the Great War, 1914-1918**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

Sobre a peculiaridade das características bélicas do fronte Oriental: BUTTAR, P. **Collision of Empires**. The War on the Eastern Front in 1914. Oxford: Osprey, 2014.

Sobre o envolvimento de um país neutro, como a Espanha: FUENTES CODERA, M. **España en la Primera Guerra Mundial**. Una movilización cultural. Madrid: Ediciones Akal, 2014; GARCÍA SANZ, F. **España en la Gran Guerra**. Espías, diplomáticos y traficantes. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2014.

Para a responsabilidade da Grande Guerra pela redefinição política no Oriente Médio: COATES ULRICHSEN, K. **The First World War in the Middle East**. Oxford: Oxford University Press, 2014.

Sobre alguns temas específicos, desde a participação feminina na Guerra até a tradição cinematográfica: BAXTER, J. **Paris at the End**

of the World: The City of Light During the Great War, 1914–1918. New York: Harper Perennial, 2014. CESCHIN, D. **Gli esuli di Caporetto**. I profughi in Italia durante la grande guerra. Roma/Bari: Laterza, 2014; GHIGI, G. **Le ceneri del passato**. Il cinema racconta la Grande guerra. SoveriaMannelli (Cz): Rubbettino, 2014; EBEL, J.H. **Faith in the Fight**. Religion and the American Soldier in the Great War. Princeton: Princeton University Press, 2014; HUGHES-WILSON, J. **A history of the First World War in 100 objects**. London: Cassell Illustrated, 2014.

Para uma fascinante leitura “religiosa”: JENKINS, PH. **The Great and Holy War**. How World War I became a Religious Crusade. New York: Harper One, 2014.

Finalmente, devemos mencionar a publicação de novas fontes, em particular os diários e memórias daqueles que participaram na Grande Guerra, seja no front ou na retaguarda; entre as muitas edições e traduções: PÉTAIN, PH. **La Guerre mondiale: 1914-1918**, avant-propos de M. Ferro, présenté par J.-J. Dumur. Toulouse: Privat SAS, 2014; BROCK, M.; BROCK, E (Orgs.). **Margot Asquith's Great War Diary 1914-1916**. The View from Downing Street. Oxford: Oxford University Press, 2014; BARTHAS, L. **Cuadernos de guerra (1914-1918)**. Madrid: Páginas de Espuma, 2014 (tradução do francês); LUSSU, E. **A Soldier on the Southern Front: The Classic Italian Memoir of World War I**. New York: Rizzoli, 2014.

Referências Bibliográficas

International Society for First World War Studies. Disponível em: <http://www.firstworldwarstudies.org/>, Acesso em /02/2014.

Euler de França Belém, *Jornal Opção*, edição 2003, de 24 a 30 de novembro de 2013. Disponível em: <http://www.jornalopcao.com.br/colunas/imprensa/melhores-livros-sobre-a-primeira-guerra-mundial-em-portugues.-e-um-em-ingles>, Acesso em /02/2014.

AUDOIN-ROUZEAU, S.; BEKER, J.J. e GIBELLI, A. **La prima guerra mondiale**. 2 vol. Torino: Einaudi, 2014.

BARTHAS, L. **Cuadernos de guerra (1914-1918)**. Madrid: Páginas de Espuma, 2014.

BAXTER, J. **Paris at the End of the World: The City of Light During the Great War, 1914–1918**. New York: Harper Perennial, 2014.

BLASCO IBÁÑEZ, V. **Crónica de la Guerra Europea, 1914-1918**. Una historia em la trinchera de la Primera Guerra Mundial. Madrid: La Esfera de los Libros, 2014.

BROCK, M.; BROCK, E (Orgs.). **Margot Asquith's Great War Diary 1914-1916**. The View from Downing Street. Oxford: Oxford University Press, 2014.

BUTCHER, T. **The trigger**. Hunting the assassin who brought the World to war. London: Chatto&Windus, 2014.

BUTTAR, P. **Collision of Empires**. The War on the Eastern Front in 1914. Oxford: Osprey, 2014.

CESCHIN, D. **Gli esuli di Caporetto**. I profughi in Italia durante la grande guerra. Roma/Bari: Laterza, 2014.

CHICKERING, R. **Imperial Germany and the Great War, 1914-1918**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

CLARK, CH. **Os Sonâmbulos**: Como eclodiu a Primeira Guerra Mundial, São Paulo, Companhia das Letras, 2014.

COATES ULRICHSEN, K. **The First World War in the Middle East**. Oxford: Oxford University Press, 2014.

EBEL, J.H. **Faith in the Fight**. Religion and the American Soldier in the Great War. Princeton: Princeton University Press, 2014.

FERRO, M. **La Gran Guerra 1914-1918**. Madrid: Alianza Editorial, 2014.

FUENTES CODERA, M. **España en la Primera Guerra Mundial**. Una movilización cultural. Madrid: Ediciones Akal, 2014.

GARCÍA SANZ, F. **España en la Gran Guerra**. Espías, diplomáticos y traficantes. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2014.

- GHIGI, G. **Le ceneri del passato**. Il cinema racconta la Grande guerra. SoveriaMannelli (Cz): Rubbettino, 2014.
- GILBERT, M. **La Grande Storia della prima Guerra mondiale**. Milano: Mondadori, 1994.
- HART, P. **La Gran Guerra (1914-1918)**. Historia militar de la Primera Guerra Mundial. Barcelona: Editorial Crítica, 2014.
- H.P. WILLMOTT, **Primeira Guerra Mundial**, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2014.
- HUGHES-WILSON, J. **A history of the First World War in 100 objects**. London: Cassell Illustrated, 2014.
- JANKOWSKI, P. **Verdun**. The Longest Battle of the Great War. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- JENKINS, PH. **The Great and Holy War**. How World War I became a Religious Crusade. New York: Harper One, 2014.
- LAWRENCE, L. **Prima guerra mondiale**. La rivoluzione globale. Torino: Einaudi, 2014.
- LOEZ, A. **La Grande Guerre**. Paris: La Découverte, 2014.
- LÓPEZ VEGA, A. **1914: el año que cambió la historia**. Madrid: Editorial Taurus, 2014.
- LOZANO, Á. **La Gran Guerra (1914-1918)**. Madrid: Marcial Pons, 2014.
- LUSSU, E. **A Soldier on the Southern Front: The Classic Italian Memoir of World War I**. New York: Rizzoli, 2014.
- MACMILLAN, M. **Peacemakers**. Six months that changed the world. London: John Murray, 2001.
- MORROW, J.H. **La Gran Guerra**. Barcelona: Edhasa, 2014.
- PÉTAİN, PH. **La Guerre mondiale: 1914-1918**, avant-propos de M. Ferro, présenté par J.-J. Dumur. Toulouse: Privat SAS, 2014.
- PEARSON, B.; HERRIS, J. **Aviones de la I Guerra Mundial 1914-1918**. Madrid: Editorial Libsa, 2014.
- PUPO, R. (Org.). **La vittoria senza pace**. Le occupazioni militari italiane alla fine della Grande Guerra. Roma/Bari: Laterza, 2014.
- SONDHAUS, L. **The Great War at sea a naval history of the First World War**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.
- STOREY, W.K. **The First World War**. A concise global history. Lanham (Md): Rowman & Littlefield, 2014.
- STRINER, R. **Woodrow Wilson and World War I**. A Burden too great to Bear. Lanham (Md): Rowman & Littlefield, 2014.
- TUCHMAN, B.W. **The guns of August**. The classic best selling account of the outbreak of the First World War. London: Penguin Books, 2014.

VEIGA, F.; MARTÍN, P. **Las guerras de la Gran Guerra 1914-1923**. Madrid: Los Libros de la Catarata, 2014.

WAWRO, G. **A mad catastrophe**. The outbreak of World War I and the collapse of the Habsburg Empire. New York: Basic Books, 2014.

WINTER, J. **Sites of memory, sites of mourning**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

Submissão: 05-09-2014

Aceite: 25-10-2014